

## **ARTE, ESTÉTICA E IMAGINÁRIO**

### **SUBLIME E CONSTRANGIMENTO**

#### **RESUMO**

A manifestação da experiência sublime está envolta em condicionalismos que poderão ser operacionalizados para que esta ocorra com maior frequência do que a filosofia refere. Estes processos parecem estar a ser aplicados por alguns artistas implicados com o Sublime, recorrendo a processos de constrangimento para convocar experiências intensas associadas ao transcendental.

Esta relação não tem sido identificada na principal literatura sobre o sublime, apesar de alguns indícios, como a ideia de dor, incompreensão, trauma, ou experiência limite. Para além da identificação da relação entre o constrangimento e o sublime, este trabalho vem demonstrar o contributo inovador da arte e dos artistas para o estudo do sublime.

A investigação sobre o Sublime nasce do interesse pessoal sobre a temática da paisagem. A paisagem fora já alvo da investigação de mestrado<sup>1</sup>, onde era analisado o percurso de expansão e compressão da temática no campo da pintura, ao longo do Modernismo até à atualidade. Se no mestrado, a investigação, se centrava sobre a temática da paisagem e, consecutivamente, na análise de formalismos associados à sua imagem, não ficava esclarecido porque a paisagem se mantém relevante para tantos movimentos e artistas. Todavia, a condição visual não poderia ser exclusiva para compreender a relação dos artistas com a paisagem, emergindo a condição fenomenológica como elemento outro da avaliação da relação do artista com o território e a paisagem. Desta forma, nasce o interesse pelo Sublime como percurso central de uma relação fenomenológica entre o artista e o território, em que o sujeito/artista busca no território reflexo pessoal.

#### **DA EXPERIÊNCIA SUBLIME AO CONSTRANGIMENTO**

Da paisagem evidencia-se o papel fenomenológico da relação com o território, e desta, emerge a figura do Sublime como eixo primordial, onde a experiência sublime seria a principal descrição da procura e constatação dessa relação. A dimensão moral que envolve está diretamente implicada no estado e circunstâncias em que decorre, onde tudo poderá ser colocado em causa, e,



Fig. 1 – Domingos Loureiro, Exposição no Silo – Espaço Cultural, 2015.

simultaneamente decorre de forma rara e, por vezes, em condições extremas. Outro dado é o da exclusividade da experiência sublime, já que, apenas o sujeito onde ocorre poderá confirmar a sua manifestação e impacto. Esta condição singular e pessoal originou um debate em que se questiona se o Sublime poderia ser representado ou apenas vivenciado, tal como o conceito é explicado por filósofos como Immanuel Kant ou Edmund Burke, que defendem a raridade dos eventos transformadores da experiência sublime<sup>2</sup>.

Percebeu-se pela leitura dos autores como Friedrich e Turner, que no primeiro, se tratam sobretudo de descrições do que será a experiência filosófica do Sublime, enquanto em Turner, as obras procuram transcrever a experiência com a paisagem, nomeadamente da experiência sublime. Entre a ilustração do Sublime e a vivência da experiência sublime, ficou claro que seria a perspectiva da vivência que atravessaria vários outros movimentos e artistas, como a Land Art, o Expressionismo Abstrato, ou autores como Yves Klein, Jackson Pollock, Mark Rothko, Marina Abramovic, Fernando Maselli, entre outros, bem como a nível pessoal.

À questão: - Como fazem os artistas para promoverem uma vivência no sublime para que o seu trabalho possa decorrer dentro da perspectiva ambicionada? Retém-se então o mítico relato de que Turner se terá amarrado ao mastro de um barco para vivenciar uma tempestade. Este elemento circunstancial, como outros descritos por diferentes artistas, parecem inscrever uma condição estratégica de promover uma possível experiência sublime. Consiste no fomento de

circunstâncias onde o evento transcendental se poderá manifestar, num ato consciente para acionar fenômenos de incompreensão na mente, tal como é descrito pela caracterização do Sublime. Encontra-se, então, a figura do constrangimento como charneira para a manifestação da experiência sublime. Constrangimento porque o evento provoca incompreensão e incapacidade intelectual de dominar a circunstância, e constrangimento pela dor produzida (quer física, quer mental) como referenciado por Kant e Burke.

### **O CONSTRANGIMENTO COMO ESTRATÉGIA DE PRODUÇÃO DE EXPERIÊNCIA SUBLIME**

Turner, na sua aventura marinha promove um duplo exemplo de constrangimento: operativo e intelectual. Se o primeiro é um constrangimento físico, o segundo deriva da circunstância onde se colocou, onde a capacidade intelectual se debate com a condição de impossibilidade de resistência e compreensão, assumindo um possível ato de contemplação estética.

Desta forma, o constrangimento assumiria ser uma ferramenta concreta a operar para a manifestação da experiência sublime, numa espécie de ação racional para produzir uma intervenção sobre a própria cognição que poderia promover um processo de libertação contemplativa, de diálogo com o incontrolável ou mesmo com o transcendental. Assume-se, desta forma, como chave intencional para promover uma experiência sublime, mas acima de tudo, para explicar como a arte relacionada com o Sublime se poderá assumir como um processo concreto de experiência sublime, e não como imitação ou descrição da experiência sublime que Kant e Burke defenderam.

A experiência produzida pela arte constitui-se então como uma possibilidade recorrente e válida, quer como experiência transformadora, quer como evidência do modo como os artistas desenvolvem práticas dentro do território do Sublime.

### **PAISAGEM-CORPO-PAISAGEM**

O uso de constrangimentos por parte dos artistas que tratam o sublime é visível nas práticas e nas descrições das experiências de diversos autores. Cada autor desenvolve estratégias pessoais para aceder a eventos fenomenológicos intensos, como a meditação<sup>3</sup>, a hipnose<sup>4</sup>, o consumo de substâncias psicotrópicas<sup>5</sup>, a busca de serendipidade<sup>6</sup>, o recurso a objetos de transferência e revisitação de experiências<sup>7</sup>, ou o recurso a um suporte que impeça que os processos regulares de realização de uma pintura possam ser concretizados, como ocorre na prática artística desenvolvida no âmbito desta investigação.

A necessidade de encontrar um processo controlado que limitasse a capacidade intelectual de dominar a experiência, dando espaço apenas para a viver, levou a que tomasse como suporte o vidro acrílico (ou plexiglass), em que a pintura seria realizada na contraface. Este processo limita a resposta com modelos convencionados, já que a composição e o gesto será realizado em espelho do que será a visão final da pintura. Por sua vez, as primeiras pinceladas serão as que mais destaque terão no final da obra, pois serão impossíveis de refazer ou de apagar. A pintura torna-se espaço onde os condicionalismos impostos pelo suporte e pela pintura 'em espelho' limitam a capacidade racional de controlar as ações e, resta uma espécie de crença em que a experiência será o mais importante. O fazer da pintura será o espaço imposto de uma liberdade que foi provocada pela impossibilidade do controlo. A crença na experiência apresenta-se imbuída de um ato de fé, mais do que de razão.

A série 'paisagem-corpo-paisagem' (Fig. 1) assume-se como este percurso entre a experiência com o território, a sua filtragem pelo corpo, e a sua devolução como território outro, agora mais corpo do que território. A experiência sublime, se ocorrer, resulta desta dimensão em que a consciência do espaço e do meu posicionamento perante e dentro dele, seja vertido, exposto e co-construído numa ação em que apenas a dimensão do fracasso está garantida, mas onde a hipótese, mesmo que remota, de uma experiência sublime ocorra, merece toda a minha disponibilidade física, emocional e intelectual.

## **PARA CONCLUIR**

A investigação possibilitou a obtenção de diferentes objetivos: do ponto de vista académico, possibilitou explicar como a filosofia Kantiana e Burkeana apresentavam uma visão limitada sobre o modo como a arte e as práticas artísticas tratavam o assunto do Sublime; permitiu consolidar a condição singular da experiência sublime como um evento no sujeito, pelo que será sempre um evento humano e, desta forma, o Sublime torna-se relevante para as épocas atuais, no contexto da Pós-modernidade e do advento do século XXI; permitiu perceber como o constrangimento é elemento essencial para a manifestação da experiência sublime, e particularmente, verificar como os artistas identificaram e utilizam operativamente estratégias inscritas no conceito de constrangimento; propiciou um diálogo com o Sublime a partir de dimensões operativas distintas, e identificar e testar uma tipologia de constrangimento na investigação artística pessoal; por fim, permitiu verificar como a paisagem está inscrita nas ações e na intuição pessoal, como espelho em mim de um território espaciotemporal que existe através de mim.

---

Referências Bibliográficas:

- Burke, Edmund: Uma Investigação filosófica acerca da origem das nossas ideias sobre o sublime e o belo, Trad. Alexandra Abranches, Jaime Costa e Pedro Martins, Edições 70, Lisboa, 2013
- Damásio, António: O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das letras, 2ª edição, 2000
- Husserl, Edmund: Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura / Edmund Husserl; Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006
- Kant, Immanuel: Crítica da Faculdade de Juízo, Trad. António Marques e Valério Rohden. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1992
- Lewandowsky, Joseph D.: Enlightenment and Constraint, *Public Reason journal* 1(2): Pp.1-11, 2009
- Loureiro, Domingos: Paisagem Post Mortem, FBAUP, Porto, 2011
- Loureiro, Domingos: Sublime e Constrangimento, FBAUP, Porto 2016
- Marina Abramović em entrevista com Anna McNay. Sobre a exposição 512 Hours, na Serpentine Gallery. 2014.  
<https://vimeo.com/98374685>
- Morley, Simon (ed.): *The Sublime*, Whitechapel Gallery & MIT Press, Londres 2010
- Shaw, Philip: *The Sublime*, Routledge, Nova Iorque, 2006
- Simmel, Georg: Os Alpes, in *Filosofia da Paisagem*. Coord. Adriana Veríssimo Serrão. Ciclo de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2a ed. 2013
- Stokes, Patricia D.: *Creativity from Constraints: The Psychology of Breakthrough*, Springer Publishing Company, Nova Iorque, 2006.

---

<sup>1</sup> Paisagem Post-mortem.

<sup>2</sup> Veja-se Kant, Burke, Proto Longinus e as diferentes noções de Sublime.

<sup>3</sup> Veja-se Marina Abramović.

<sup>4</sup> Veja-se a figura que Matt Mullican designa como 'That Person'.

<sup>5</sup> Veja-se Fred Tomaselli.

<sup>6</sup> Como ocorre na prática de Jason Martin.

<sup>7</sup> João Queiroz utiliza um objeto com formato de um ovo (em madeira) que vai tocando enquanto percorre o território, recorrendo posteriormente a uma revisitação em contexto de atelier, através do toque do mesmo objeto, como um gravador de experiências visuais e sensoriais.

DOMINGOS LOUREIRO – Nasceu em Valongo em 1977.  
Doutorado em Arte e Design pela Universidade Porto. Professor Auxiliar na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, no Departamento de Artes Plásticas- Pintura. Coordenador da Secção da Pintura na FBAUP. Investigador integrado e foi membro da Direção (2017-19) do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade. Integra o Projecto Bases Conceptuais da Investigação em Pintura (2014-19). Organização do ICOCEP - International Congress on Contemporary European Painting. (2017, 2019); Organização das 2as Jornadas de Arte e Design, 2017, entre outros eventos de natureza científica. Artista plástico presente em exposições e coleções em diversos países como Espanha, França, Inglaterra, Bélgica, Itália, Irlanda, EUA, Brasil, Japão, Alemanha, Canadá, Holanda e Portugal, entre outros.

Autor e editor de diversos documentos científicos e académicos, entre os quais: Laranjo, Francisco; Loureiro, Domingos; Torres, Sofia; Almeida, Teresa (2017): 'Painting and Research'. i2ADS/FBAUP, Porto ISBN:978-989-746-143-9; Laranjo, Francisco; Loureiro, Domingos; Torres, Sofia; Almeida, Teresa (2017): 'Painting and Teaching' i2ADS/FBAUP, Porto ISBN: 978-989-746-136-1; Ponte, S., Laranjo, F.; Loureiro, D., Torres, S.: 'Sobre Pintura', i2ADS/FBAUP 2017; Loureiro, Domingos; Torres, Sofia (2018): 'Fazer e Dizer nas Artes Plásticas e no Design', I2ADS/FBAUP isbn 978-989-54111-8-4; Laranjo, F.; Loureiro, D.; Torres, S.; Almeida, T.: (2020); 'Painting Today: New approaches on process and context' i2ADS, FBAUP, FCT. ISBN: 978-989-746-142-2; Porto, Portugal. Autor e orador em diversas conferências nacionais e internacionais, em Portugal e no estrangeiro e mais recentemente "Deslaçar o Fio da História – Mulheres Artistas em Portugal".